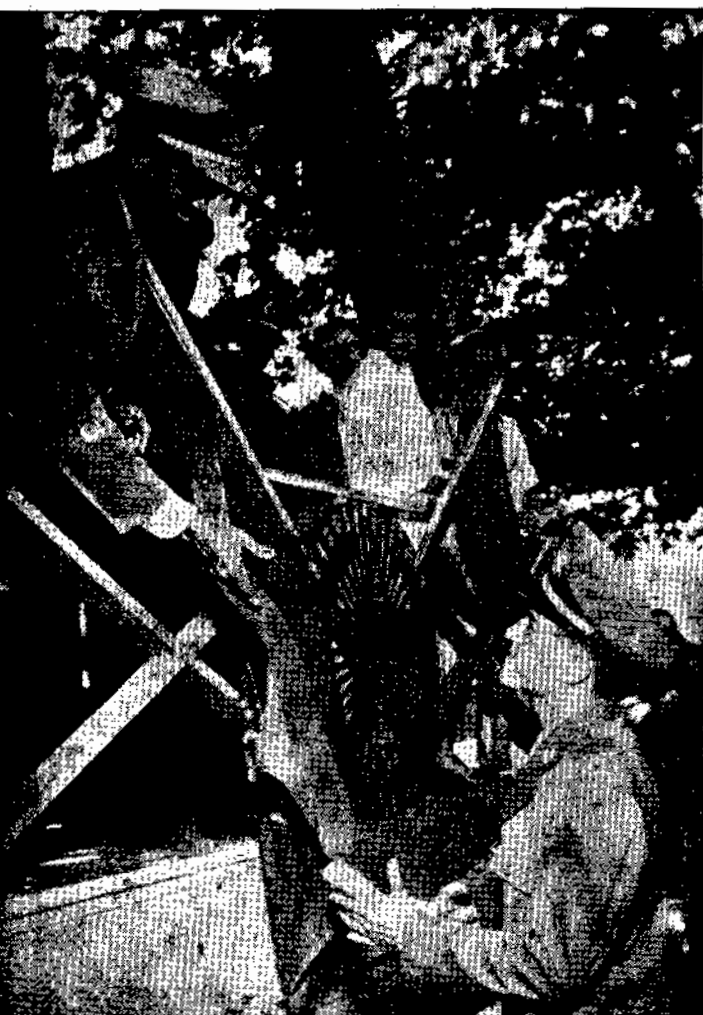


# DISCURSO pronunciado pelo Exmo. Sr. General Edgard do Amaral ao assumir a Chefia do E. M. F. A., no dia 13 de junho do corrente ano

**A**O assumir as altas funções de Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, entre agradecido à confiança do ilustre Presidente da República, Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira, e ao meu velho e prezado camarada e amigo General Henrique Duffes Teixeira Lott, e honrado pela elevação do cargo, bem me dou conta justa da enorme responsabilidade que tal investidura implica, não só pela indiscutível relevância dos múltiplos encargos que a este órgão cabem

Entrega do diploma da Escola, pelo Exmo. Sr. Gal. Amaral ao primeiro aluno de 1957



em todo o complexo e vasto planejamento da segurança nacional, mas, ainda, pelo prestígio cada vez maior que lhe vêm conferindo, desde sua criação, os Chefes, dentre os mais destacados, que por aqui já passaram.

A meus antecessores rendo, pois, a homenagem da admiração mais sincera, reforçada pela certeza de que o muito que deixaram sólidamente construído

nesta casa, fruto da clarividência de seu saber e do vigor de sua vontade, sempre a serviço devotado das Forças Armadas, e do Brasil! tornará bem mais fácil a tarefa que ora me é cometida.

Não poderia deixar, neste passo, de referir-me nominalmente a dois desses eminentes Chefes — Generais Pedro Aurélio de Góes Monteiro e Canrobert Pereira da Costa — cujas memórias, ainda bem vivas pairam aqui entre nós e cujas valiosas diretrizes continuam e, por muito tempo, continuarão a orientar todos os trabalhos afetos a este órgão.

Será, à luz dessa mesma orientação esclarecida, que tomarei a mim a tarefa até agora confiada ao prezado camarada e digno Chefe General Octavio Saldanha Mazza, que daqui só se afasta por força de imperativo legal, após longos anos dedicados ao serviço do Exército e das Forças Armadas.

Buscarei, pois, alicerçar e cimentar, em contínuo e perseverante trabalho de planejamento em conjunto, na base de um conhecimento recíproco cada vez maior e em livre e franca discussão dos altos problemas que a todos interessam, a mais perfeita união das três Forças Armadas, as quais, somente assim, coesas no cumprimento da tarefa comum que lhes cumpre e acima de quaisquer particularismos estreitos, poderão corresponder de fato à confiança inabalável que nunca lhes regateou a Nação, ao entregar-lhes o dever precípuo de garantir a segurança Nacional, penhor que é esta de todo o progresso e da grandeza crescente do nosso povo e da nossa terra.

A evolução acelerada e propulsora da tecnologia moderna, estreitando, por sobre antigos obstáculos hoje relegados a plano de significação inferior e através das distâncias cada vez mais reduzidas na escala dos novos engenhos, as relações entre todos os povos do mundo emprestou a estas, por outro lado, um dinamismo sem igual, ao mesmo tempo que diluía as fronteiras antes bem nítidas entre as tradicionais categorias dos fenômenos sociais. Não se sabe hoje onde começa a problemática econômica e onde se delimita a esfera política; através da propaganda sistemática e ininterrupta, a ação psico-social interpenetra tanto o campo da política como o da economia; e o fator militar, sujeito a toda ordem de influências, que advêm de outras esferas, cada vez mais domina, ante o espectro de guerras de aniquilamento total, a política toda dos Estados. Totaliza-se a guerra, em amplitude nem sequer antevista pelo próprio Ludendorff, o profeta da nova dinâmica bélica, e, enquanto o choque pelas armas passa a ser apenas um dos aspectos — sem dúvida, o mais

eloqüente e quase sempre o decisivo — dessa guerra total, dentro do restrito campo militar processa-se uma integração crescente das Fôrças Armadas na estruturação equilibrada e racional de um instrumento único, coeso e eficiente — o Poder Militar.

Não há mais lugares, pois, para separatismos entre os três elementos fundamentais dêsse Poder unificado que, se vale de fato, só valerá pela soldadura das Fôrças Terrestres, das Fôrças Navais e das Fôrças Aéreas — tôdas igualmente importantes, tôdas cooperando estreitamente entre si, tôdas combinando seus esforços para a realização plena da tarefa comum — em um instrumento bem ajustado ao vulto e natureza das missões estratégicas que lhes cabem, na fase da conjuntura internacional.

Ante os imperativos da evolução recente da arte da guerra, não há como não reconhecer, assim, que essa integração das três Fôrças Armadas é condição indispensável e essencial ao próprio equacionamento, em bases sólidas, do problema supremo da segurança nacional, de cuja solução adequada depende o futuro da Pátria e a consecução e perene salvaguarda dos interesses e aspirações nacionais.

Com o espírito de todo voltado para tão superiores objetivos, haveremos de superar idéias e conceitos menos amplos e consentir mesmo certos sacrifícios, se assim fôr o caso, em benefício da obra conjunta, a

fim de que, em tempo algum, possam nossos camaradas, possa o nosso povo, possam, mesmo, as gerações futuras dizerem de alguns de nós: “Não estiveram à altura das altas responsabilidades que lhes confiou a Pátria”.

Dentro, pois, do mais sublime dos deveres — o de fidelidade ao Brasil — caminhemos unidos, pois só em comunhão — guiados pelo exemplo que dignifica, pela Lei que ordena e pelo Trabalho que erige — estaremos aptos a bem esrvir à Pátria estre-mecida!